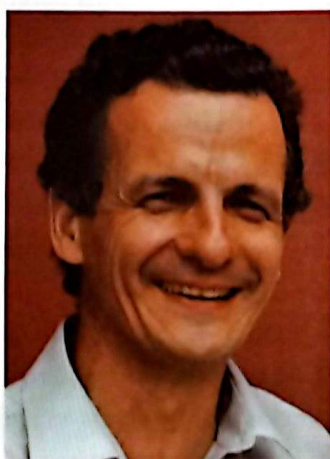


Homenagem da APM ao médico José Osmar Medina de Abreu Pestana

Ivan de Melo Araújo

Graduado em Medicina, em 1979, pela Escola Paulista de Medicina, dela se tornou professor titular da Disciplina de Nefrologia em 2006. Tudo o que se refere a esse jovem médico conta-se em números grandiosos. Em sua profícua carreira envolveu-se na pesquisa, desenvolvimento e realização de transplantes em nosso País, organizando o incomparável centro transplantador do Hospital do Rim e Hipertensão da Unifesp, que faz sombra aos maiores centros transplantadores do mundo. Nesse processo, participou também do desenvolvimento de mais de uma centena de novos centros em diferentes estados do Brasil, bem como do treinamento e formação de quase três centenas de especialistas na área. De sua vida acadêmica, excepcionalmente ativa, decorreram quatro dezenas de orientações de tese, mais de cento e cinquenta publicações, e quase quinhentas comunicações científicas em congressos.

Sua atuação na política médica, sobretudo no que tange aos transplantes, é intensa: é coordenador da área de transplante de órgãos e tecidos do complexo Unifesp, além de coordenador da Organização de Procura de Órgãos e Tecidos da Região Sul da Capital e Baixada Santista. Preside a Sociedade Latino-Americana de Transplantes e o Conselho Consultivo da Associação Brasileira de Trans-



plantes de Órgãos. É membro da Comissão Técnico-Científica do Rim da Secretaria da Saúde de São Paulo e do *Global Alliance for Transplantation* da Sociedade Internacional de Transplantes. Participa também como membro da Câmara Técnica Nacional de Transplante de Rim e Pâncreas, e é consultor *ad hoc* da Fundação de Amparo a Pesquisa (Fapesp) e da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), na área de novos medicamentos. Além disso, é delegado efetivo na Associação Médica Brasileira.

Não esqueçamos de que consegue ainda achar tempo para os trabalhos voluntários em localidades distantes de nossa pátria, como o Xingu e Rondônia, e também do voluntariado como médico na sua pequenina cidade natal de Ipaussu, no interior de São Paulo.

Parafraseando Theodore Roosevelt, homenageamos hoje o Dr. Medina por ser ele um médico que conhece com intimidade o grande entusiasmo e a grande devoção, que se entrega por inteiro às causas justas e que não foge às realizações próximas do impossível...

Ivan de Melo Araújo
Diretor Cultural da APM

Das razões da medicina

Paulo Rosembaum

“Sem referência à epistemologia, uma teoria do conhecimento seria uma meditação sobre o vazio; e sem relação à história das ciências, uma epistemologia seria uma réplica perfeitamente supérflua da ciência sobre a qual pretenderia discorrer.”

Hilton Japiassu

Segundo Henri Bergson, o trabalho do filósofo consiste em inverter a direção natural do trabalho do pensamento. Descartada a pretensão, e como acredito que haja uma filosofia da medicina, apenas tentarei fazer algo análogo. Começamos, então, pelo fim. Em todas as versões aceitáveis do que essencialmente caracteriza a atividade médica encontramos, pelo menos, um objetivo principal razoavelmente compartilhado: cuidar da saúde das pessoas.

Temos observado um padrão de comportamento em relação a assuntos científicos polêmicos na mídia, os quais vêm se caracterizando tanto pela “fulanização” do problema como pela sua desqualificação, que, por conveniências não explicitadas, seleciona ou simplesmente deleta argumentos alheios. Toda crítica consistente deveria ser enaltecida, pelo menos este deveria ser o papel da oposição na política ou das teorias rivais nas ciências. No entanto, ela é quase sempre mal recebida ou considerada uma ofensa. Nos meios mais sectários, um golpe. A tradição da polêmica, infelizmente empobrecida no País, teria o mérito de resgatar um debate saudável, no qual todas as partes sairiam mais esclarecidas, mesmo que com as divergências acirradas. Aprofundar o conhecimento de matérias sensíveis para torná-las mais disponíveis para o grande público é um dos papéis da imprensa.

Começamos de novo, então, mas dessa vez pela experiência. O que é a experiência do ponto de vista científico? Não são só dados laboratoriais reproduzíveis em ambientes controlados como pode pensar o senso comum. Segundo o epistemólogo Gaston Bachelard, experimentar consiste em fazer as perguntas certas. Ele destaca que a história das ciências não pode ser meramente empírica, mas, antes de tudo, o progresso das ligações racionais do saber. Nesse sentido, a epistemologia histórica estruturou-se como uma reação ao positivismo. Graças a essa estratégia, pode-se resgatar procedimentos que foram precocemente descartados pela ciência e resignificá-los, demonstrando que a história

pode estar muito distante de uma palavra final. Foi, por exemplo, o típico caso da acupuntura. Do descarte precoce à sua redenção temos uma história interessante relatada pelo epistemólogo austríaco Paul Feyerabend. Conta esse autor que quando Mao Tsé-Tung chegou ao poder quis saber quais alternativas teria aquilo que classificou como “medicina ocidental burguesa”. Foi informado que nas montanhas, muito além de Pequim, resistiam praticantes de uma multimilenar forma de medicina tradicional chinesa que envolvia a associação de procedimentos como moxabustão, acupuntura e fitoterápicos. Disposto, o ditador chinês chamou esses supostamente anacrônicos representantes, os quais foram provando seu valor quando instalados em ambiente de estímulo para pesquisa na Universidade de Pequim. Décadas depois, haviam reconstituído a tradição, às vezes até mesmo sob o risco de descaracterizá-la, e continuaram a ser financiados para aplicá-la e pesquisá-la em ambiente acadêmico. O processo de validação científica progrediu e foi encontrando cada vez mais adeptos no mundo, especialmente a partir do *boom* ocorrido na América do Norte nos anos 1970. Até que, muito recentemente, a acupuntura (apenas um braço da medicina tradicional chinesa) sedimentou-se institucionalmente, inclusive nos meios médicos mais tradicionais, durante muito tempo declaradamente hostis a essa prática.

Assim, é preciso criticar pesadamente a falsa noção, ainda fecunda nas ciências duras, de que haveria um “experimento crucial” que determinaria a completa aceitação ou repúdio de uma disciplina. Mesmo porque, segundo Imre Lakatos, experiências cruciais só são assim consideradas muito tempo adiante.

Paulo Rosembaum
médico homeopata

E agora, Doutor?

Walter Pinheiro Nogueira

A medicina floresce como expressão de um ato de amor. O médico, ao exercê-la, nem sempre têm consciência de que está a conjugar o verbo amar. Somente o reconhecimento, muitas vezes inesperado e expresso de forma inusitada por pacientes que assistiu, é que lhe faz enxergar para essa realidade.

Para exemplificar a ocorrência e ilustrar a comunicação, vou lembrar alguns casos que aconteceram comigo. Um desses é com um poeta que se me apresentou com intensa cólica renal.

Ele fez da dor que o molestou um poema, o qual me dedicou, quando o publicou em um de seus livros.

A sua obra foi apreciada e comentada por Carlos Drummond de Andrade, Alceu Amoroso Lima, Cassiano Ricardo, Jean-Claude Elias e tantos outros. Trata-se de Gilberto Mendonça Teles, considerado um dos maiores poetas nacionais.

Durante o tempo que lhe dei assistência, conversamos muito. Respondi-lhe às perguntas curiosas e expliquei-lhe as sutilezas que existem por trás de uma cólica renal — a expressão de muitos problemas existenciais.

Ele me ouvia atentamente. Por fim, perguntou-me: “Por que essa dor é tão intensa, tão insuportável, que não nos permite um lugar para nos acomodar?” Respondi a ele resumidamente: “Os rins fabricam urina; trabalham com líquido. Qualquer substância sólida que se forme nas vias urinárias, ao passar por estas, desperta uma dor muito intensa, em cólica, mais forte do que a cólica do parto”. E ele continuou, ainda mais curioso: “Por que mais forte do que a cólica do parto?” Então, eu disse: “Esta é fisiológica. A natureza prepara os caminhos durante meses para o nascimento do feto. As vias urinárias não têm essa oportunidade”. Eis o poema de Gilberto Mendonça Teles, para ser apreciado:

Angular

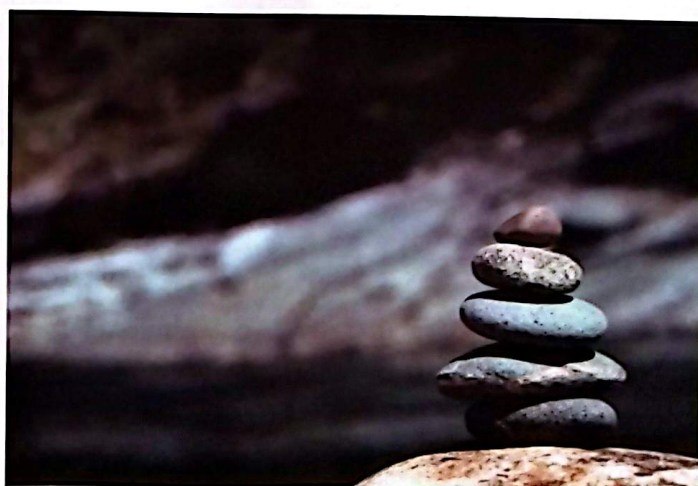
Ao Dr. Walter Pinheiro Nogueira

Há quem ajunta pedra no meio do caminho
quem atira pedra nos telhados de vidro
quem se arma de paus e de pedras
quem chega com quatro pedras na mão
quem se transforma em pedra de escândalo
quem gosta de pôr pedra por cima
e quem nunca deixa pedra sobre pedra.

Eu, não: sou calculista,
de cal e pedra.
Cultivo pedras nos rins e na língua,
e sei que pedra que rola não cria limo.

Às vezes, tomo chá de quebra-pedra;
outras, saboreio uma sopa de pedras.
Nos momentos de crise, descanso a cabeça.
numa pedra filosofal
Numa pedra de toque (ou de amolar)
Fundei pacientemente o meu silêncio
e aprendi a brunir as setes pontas
do dia D da minha dor — maior —
bem maior — me garantem — que a dor do parto.

Outro caso, coincidentemente com outro poeta, José Paulo Paes. Eu o assisti, há anos, devido à enfermidade hipertensiva. Ao oferecer-me, em analogia poética, um de seus livros: “Para o Walter, na esperança de que a minha expressão literária o interesse tanto como a minha pressão arterial”.



Walter Pinheiro Nogueira
médico, fundador do Departamento de Hipertensão
Arterial e Nefrologia do Instituto Dante Pazzanese
de Cardiologia do Estado de São Paulo

Walter Büngeler, inovador da Anatomia Patológica em São Paulo

Jorge Michalany



Quando, em 1933, fundou-se a Escola Paulista de Medicina (EPM) foi nomeado Catedrático de Anatomia e Fisiologia Patológicas o ilustre cientista brasileiro Henrique da Rocha Lima, descobridor das riquetsias e ex-diretor do Tropen Institut de Hamburgo, Alemanha. Embora tenha proferido a aula inaugural da cátedra em março de 1936, preferiu permanecer apenas no Instituto Biológico de São Paulo para dedicar-se à defesa da agropecuária. Substituiu-o o patologista Juvenal Ricardo Meyer, que lá permaneceu até meados de 1936, aguardando a chegada do jovem patologis-

ta Walter Büngeler, professor da Universidade de Santsig, contratado para organizar e reger a cátedra da EPM.

A tarefa para a qual Büngeler fora designado não era fácil, pois viera para substituir o famoso Rocha Lima em um país com língua e cultura bem diferentes daquelas da sua velha Alemanha, e sem o apoio financeiro ao qual ele estava acostumado. Graças, porém, ao seu cabedal cultural e capacidade de trabalho, Büngeler foi capaz de, em pouco tempo, organizar o laboratório, a sala de autópsias e o curso de estudantes, tanto que quatro meses depois já dava aulas em português.

Logo nas primeiras preleções, ele impressionou alunos e professores pelos seus conhecimentos de medicina geral, cultura humanística e, sobretudo, por sua simpatia.

Quando fui seu aluno, em 1940, a Cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas da EPM era famosa. Costumava-se dizer que, em relação à Faculdade de Medicina da USP, a EPM era melhor, porque além de possuir o seu próprio hospital, tinha também como professor de anatomia patológica Walter Büngeler. Ao lado do excelente curso para os estudantes, Büngeler fazia conferências clínico-patológicas semanais, que eram assistidas, inclusive por professores da faculdade oficial. Durante essas reuniões, Büngeler demonstrava sua extraordinária experiência sobre correlação anatomo-clínica, até então quase desconhecida em São Paulo. Além da EPM, Büngeler dirigia o Laboratório de Anatomia Patológica do Instituto Conde de Lara para o estudo da lepra. Isso lhe permitiu familiarizar-se com a patologia tropical, investigando e publicando artigos, não somente sobre a lepra, mas também sobre outras moléstias tropicais, tal como se verifica na secção especial da tradução espanhola do livro de Werner Hueck, *Patologia morfológica*, editado em 1944.

O relacionamento do Prof. Büngeler com os estudantes era o melhor possível. Além de suas aulas magistrais, às quais nenhum aluno faltava, ele ministrava também aulas práticas, em que conversava com os estudantes com grande naturalidade, sem demonstrar aquela superioridade que se poderia esperar de um catedrático europeu, e fazendo, muitas vezes, divertidas críticas aos estudantes menos dedicados. Em meados de 1941 fui aceito pelo Prof. Büngeler para trabalhar como monitor e realizar autópsias. Além do trabalho corrente, ele encarregou-me de investigar o problema de focos de cartilagem e osso nas amígdalas em um caso de tuberculose primária de adulto, que representou minha primeira publicação.

Infelizmente, um acontecimento inesperado veio modificar totalmente o papel da Cadeira de Anatomia Patológica da EPM. Devido à Segunda Guerra Mundial, em 1942, o Prof. Büngeler, presença *sine qua non* dessa Escola, foi obrigado a deixar o Brasil. Em sua última demonstração anatomopatológica, com a voz trêmula e quase lágrimas, ele despediu-se de seus colegas, alunos e amigos. A emoção dessa despedida

e o respeitoso silêncio da audiência, por causa da perda compulsória de tão ilustre patologista, demonstrava a verdade da frase de Pasteur de que *"La science n'a pas de patrie"*.

Não fosse a guerra, eu provavelmente nunca teria ido ao Canadá para estudar com outro mestre, Pierre Masson, de quem já ouvira Büngeler falar, a propósito dos tumores glômicos. Depois, quando ele fez uma rápida visita ao Brasil, em 1950, foi também visitar-me na Santa Casa de Santos. Dizendo-lhe que eu fora criticado por seu um seguidor de Masson, ele retrucou: "Mas a escola de Masson é excelente!".

Ao assumir a direção do Departamento de Anatomia Patológica da EPM, em 1969, decidi reviver a história e o prestígio da Cadeira, conseguindo para Büngeler o título de Professor Emérito. Em 1980, fui à Alemanha para entregar-lhe o diploma em sessão solene da Universidade de München e pronunciar o seguinte (discurso pronunciado em inglês):

"Meu caro Professor Büngeler, existem coisas inexplicáveis na vida, a não ser pela interferência do destino: *maktub* — estava escrito, como dizem os árabes. Se por causa da guerra o destino fez-me viajar ao Canadá e encontrar o grande Masson, foi também esse destino que veio modificar minha carreira de cirurgião, a mesma de meu pai. E devido à sua marcante personalidade, interessei-me pela anatomia patológica. Foi também esse mesmo destino que permitiu encontrar-me outra vez com meu inesquecível primeiro mestre, a quem tenho a grande honra de entregar o mais que merecido título de Professor Emérito da Escola Paulista de Medicina.

Jorge Michalany

curador do Museu de História e Medicina da APM

A Sorte Grande que não veio

M. I. Rollemberg



O grande sonho naqueles “brasis” era ganhar a sorte grande. Eram poucas as oportunidades, remotas as possibilidades de grandes ganhos e as comunicações, precárias. Enfim, sobravam poucas alternativas a alguém que quisesse fazer “a América”, salvo os ecos de um novo eldorado, o norte do Paraná, para onde se deslocavam enormes levas de “Indiana Jones” com as possibilidades oferecidas na extração de madeira de suas florestas e o plantio em suas terras ubérrimas. O café de lá tinha suas árvores maiores e seus grãos tão grandes que por um momento fizeram esquecer as fazendas paulistas, com o aparecimento de novos “reis” da rubiácea. Tudo ali era maior, até os cereais. Criaram, inclusive, até uma gozação para algum sujeito muito chato: “(...) feijão do Paraná, dois grãos enchem o saco!”

A grande dificuldade estava nas vias de acesso: estradas precárias, as quais se tornavam quase intransitáveis na época das chuvas, além da falta de serviços essenciais, como luz elétrica e saneamento básico. Comentava-se em prosa e verso os casos de conterrâneos que para ali se dirigiram, tornando-se ricos da noite para o dia. Um deles era o antigo cirurgião da Santa Casa de Misericórdia, Dr. Ângelo Decanio, que foi

se aventurar em um hospital de Londrina e ficou milionário. Um amigo de meu pai, advogado extremamente agressivo nos negócios, precisava de uma pequena quantia para fechar um grande empreendimento naquelas paragens. Procurou papai e propôs-lhe sociedade. O velho, temeroso, recusou. O advogado foi em frente, ganhando uma fortuna.

As grandes decepções ocorriam após as geadas que “queimavam” os cafezais, finalmente desestimulando esses agricultores, obrigando-os a se transferirem para outros locais com menores riscos. Os que ficaram foram mudando suas atividades para outros tipos de lavoura, que atinge seu ápice hoje em dia com a cultura da soja.

A vida escorria de forma modorrenta, sem grandes variações. Os grandes proprietários de terras, como os Castilhos, Cardosos, Machados, Junqueiras, viram surgir paulatinamente uma força avassaladora com os Biasis, os quais passaram a ocupar um lugar de grande destaque, agora acompanhados pelos Gracianos.

Os cartórios trabalhavam a ritmo lento, na mesma toada da cidade, pois com essas grandes extensões territoriais havia poucas transferências, que, conseqüentemente, impediam o

maior desenvolvimento topográfico do município. O grande sonho da época era ganhar a “sorte grande”. Vez por outra algum morador era premiado, com a conseqüente “festa” de rojões. As loterias corriam aos sábados e quando começava o foguetório já se sabia que alguém havia sido sorteado. Era uma tradição paga pelos ganhadores que se compraziam em dar vazas à sua alegria. O prêmio maior estava reservado para o sete de setembro, quando atingia as alturas. Ao ganhador, aquela data representava o grito de independência econômica. As histórias de cada um desses felizardos corria de boca em boca, com um misto de admiração e, quem sabe, inveja. Como nessas ocasiões os preços dos bilhetes eram muito altos, dificilmente alguém comprava toda a série sozinho. Foi o que aconteceu com meu pai. Comprou em sociedade com seu oficial maior. Nos sábados tinha o hábito de tratar de forma especial seus sapatos. Na cidade todos admiravam o brilho e elegância destes, em geral adquiridos na famosa casa Clark, combinando com os ternos de linho irlandês 120, imaculadamente alvos apesar da poeira, impecavelmente engomados e brilhantes, apropriados para a canícula local, na qual todas as pessoas de certa representatividade se obrigavam a usar terno e gravata. Após o almoço, terminado o trabalho naquele dia de meio período, depois de um breve descanso, dedicava-se a poli-los. Tudo não passava de uma higiene mental. Estava ali fumando um de seus cigarros ovais preferidos (Fulgor, Petit Londrinos, Adelphi ou outros similares) quando começaram a estourar os fogos. Pensou consigo mesmo “alguém ganhou a sorte grande!” Passados alguns instantes bateram de maneira incessante à porta. Espantado, pensou: “quem estaria ali àquela hora?” Uma visita seria de todo improvável. Talvez alguém procurando por uma escritura ou coisa parecida. Estava de pijama e abriu o pequeno vitrô basculante da porta da frente. “Quem é?”, perguntou, pois havia esquecido os óculos no quarto. Logo reconheceu a voz inconfundível do Paulo de Abreu, dono de um dos chalés da cidade, assim eram conhecidas as casas em que se faziam jogos, fossem do bicho ou loterias. Vinha todo esbaforido e foi exclamando sem reservas: “seu Ignácio, o senhor ganhou a sorte grande!”. O velho, conhecendo bem a “figura”, perguntou entre enérgico e apreensivo: “você está brincando comigo?”. “Não seu Ignácio, olhe aqui o resultado no telegrama. É o seu bilhete que eu mesmo vendi!”. Naqueles tempos os resultados dos sorteios vinham pelo telégrafo ao final da tarde. Com a mudança da fisionomia do velho

guerreiro, foi inquirindo: “posso soltar mais fogos?” Com a aquiescência saiu dali em disparada para comprar novos rojões na casa Conde, que depois virou casa Pinotti.

O velho ficou aturdido, sem saber bem o que fazer. Imagine só ele ser o premiado. Mesmo de pijama, deixou a porta aberta (um perigo com tanto cachorro solto!) e saiu da casa em disparada em direção ao solar dos Borzagas, onde morava o Florentino. Depois da estupefação geral, voltou para casa para dar a notícia sensacional. Ao Florentino restou de imediato comprar uma lâmpada de 200 velas, enorme trambolho e grande requinte para aquela pobre iluminação amarelo pardacenta da cidade.

Várias pessoas passaram por esses momentos de sonho. Nosso médico e amigo da família, a quem o “piauí” com seu jeito irreverente chamava de “doutor perto do saco”, conseguiu a sorte grande sozinho. Imediatamente “ajudou os filhos”, no seu sotaque nordestino característico e empreendeu uma viagem à Europa de vapor, como se chamavam os transatlânticos da época, lá ficando quase seis meses e na volta comprou uma casa na capital e mudou-se definitivamente.

O velho não sabia se mudava de roupa ou tomava banho, aproveitou e tomou um bule de café e passou a fumar não um, mas dois cigarros de cada vez. Já fazia seus planos, bem como minha mãe, a qual exibia o idioma francês de diplomada na Aliança Francesa, sonhando com a Sorbonne, a Torre Eiffel, o Louvre, quando bateram à porta insistentemente. Ao abri-la, deparou-se com o Paulo Abreu pálido, suando em bicas. Foi falando meio gaguejante: “se, se, seu Ignácio. Me desculpe, mas recebemos outro telegrama (e mostrou o dito cujo) corrigindo o anterior. Infelizmente, o senhor não ganhou a sorte grande!”. Ficaram os dois ali mudos, em intermináveis segundos, como que perdidos no tempo, até que se despediram. Tudo não passara de um sonho frustrado!

M. I. Rollemberg
médico cirurgião

Dia do médico

Luiz Freitag

Comemorou-se em 18 de outubro o dia do médico, também lembrado como o dia de São Lucas, o médico amado.

A profissão de médico impõe dedicação de muitos anos de estudo, mesmo após os seis anos de graduação e três ou mais anos de especialização. Inexplicavelmente, esta diminui cada vez mais nos hospitais, os quais apresentam uma porcentagem 64% menor de residências se comparada há dez anos.

Já não podemos concordar tacitamente com Voltaire (século XVIII), o qual afirmava que “os médicos introduzem drogas, que não conhecem, em um corpo que conhecem menos ainda”.

Com o desenvolvimento da ciência médica (que não é exata), a partir do século XX, começamos a conquistar uma velhice mais feliz, sobrevivendo até mais de 100 anos com saúde compatível ao desastre produzido pelo envelhecimento, ainda a grande incógnita da medicina, quando começa, como impedir, como prevenir? Algumas respostas a essas questões começam a surgir mundialmente, por meio de pesquisas em grandes centros médicos.

No entanto, de que valem todos esses conhecimentos adquiridos se a vaidade se sobrepuser, se o humanismo se afastar cada vez mais da prática médica, como ocorre atualmente?

Hipócrates, o pai da medicina, no juramento que todos nós médicos prestamos na formatura, ressalta que o médico deve exercer a medicina com “simplicidade e pureza”.

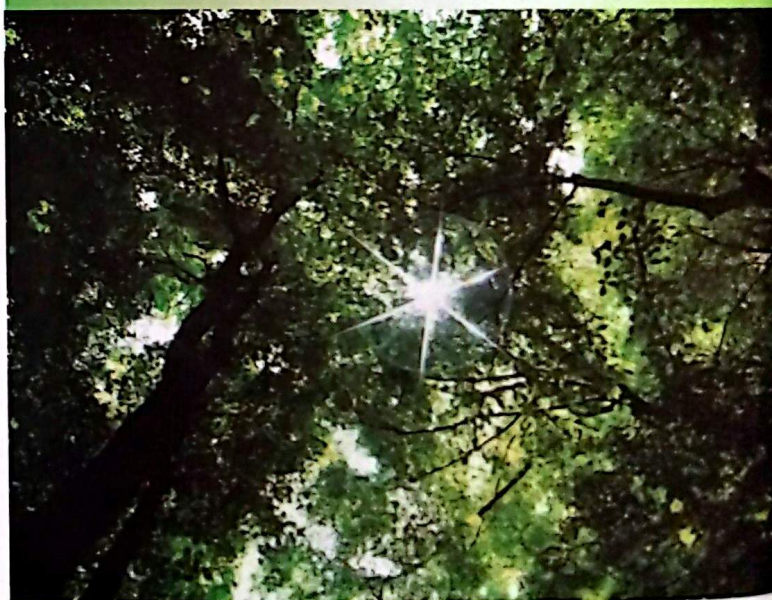
Luiz Freitag

médico, presidente do Clube dos 21 Irmãos Amigos

Bálsamo

Afiz Sadi

A ânsia da espera
Fazia-me caminhar
Perdido por uma trilha
Esgueirando-me atônito.
O sombreado de uma árvore
Parou-me para descanso.
Senti-a doce e acolhedora.
Sua sombra foi um bálsamo.
Abracei-a com fervor.
Dela saboreei seus frutos.
Saciou-me a sede e o prazer.
Todo meu torpor findou.
A lucidez retornou
Ao meu espírito abalado.
Diante de minha visão
A sombra daquela árvore
Era a mulher dos meus sonhos.



DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] – Celso Carlos de Campos Guerra
José Roberto de Souza Baratella – Rubens Sergio Góes – Rui Telles Pereira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza (*in memoriam*)

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.